

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 1653

Data: 20.04.77

Pg.: 18



Os índios de Araribá, mais felizes que os de Vanuíre, puderam mostrar sua dança a Ismarth

Foto Benedito Requena

Rosa, a última dos otis

LUIZ CARLOS LOPES
enviado especial

Das antigas armadilhas montadas com cipós trançados sobre os primeiros trilhos da estrada de ferro que chegou à Alta Paulista, no início do século, numa inútil tentativa de parar as locomotivas que abriam o sertão, a velha índia Maria Rosa quase não se lembra mais. Com sua mente fraca, de mais de 100 anos de idade, está-se extinguindo no posto indígena Icatu, no município de Braúna, o último documento vivo da existência dos Otis-Xavantes, grupo do interior paulista que em 1870 migrou da região de Franca para as proximidades de Campos Novos Paulista, onde acabou sendo extinto em 1909, pelas guerras com seus inimigos, os caingang.

Da pouca lembrança que ainda lhe resta, Maria Rosa só relata fatos isolados de uma época em que sua tribo era caçada pelos brancos e onde a sobrevivência era conseguida em meio às seguidas fugas para locais cada vez mais distantes. Mantendo-se solteira, "para não apanhar do marido", nem o velho reumatismo consegue diminuir sua disposição para as longas caminhadas, "a passeio", para Braúna, a 12 quilômetros, ou para a fazenda Macuco, para onde vai todos os dias, apesar da distância de 9 quilômetros. E nem lhe importa o peso dos sacos mal costurados de mão, onde carrega a infalível coleta de mandioca, inhôbora, feijão de vara e às vezes até arroz, os frutos de sua mendicância inconsciente.

A velha oti-xavante nem mesmo sabe relatar com perfeição as histórias que contava com orgulho até há alguns anos, e nas quais sempre se incluía a chacina de seu povo, pelos então temíveis caingang, os mesmos que mataram seus pais, avós e demais parentes e que ainda a raptaram. Até o julgamento pelo conselho da tribo inimiga, que invariavelmente executava os prisioneiros, já está esquecido. Dele, só resta a certeza de que foi poupada e adotada como membro dos próprios caingang.

REVOLUÇÃO

Pacificada no início do século, a índole mansa lhe permitiu rápido entrosamento com os costumes dos brancos e na Revolução de 32 ela fez sua primeira viagem de trem: requisitada pelos revolucionários paulistas foi levada a São Paulo, onde serviu como auxiliar de enfermeira, para só voltar depois de encerrado o movimento.

Despreocupada com o futuro, Maria Rosa ganhou um casebre na reserva Icatu, que mais tarde foi transformada em casa de madeira, hoje velha e precisando de reparos. Ali ela espera a aposentadoria pelo Funrai, prometida pelo diretor da área, Nilo Morás. De resto, só lhe sobra a vaidade de possuir dentaduras que não pode usar por ferir a boca. Por isso, ela prefere guardá-las nos seios, enquanto acusa outras índias idosas de tentarem roubar-lhe as peças valiosas.

Mas, o passado está vivo em Maria Rosa. Seu nome já batizou a escola construída com materiais doados e para as crianças índias ela tanto é tia como avó. O sorriso fácil e quase sempre tímido no contato com os brancos não revela ódio ou desejos de vingança. Só uma lamentação: não ter conhecido os seus pais.

Do enviado especial
e do correspondente

A comemoração do Dia do Índio, preparada durante toda a semana, acabou transformando-se ontem em frustração geral para os 180 habitantes da reserva de Vanuíre, no município de Tupã. Eles não puderam mostrar suas danças nem fazer suas reivindicações ao presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, que deveria comparecer à aldeia mas que, sem qualquer aviso, alterou seu programa, preferindo permanecer na área urbana de Tupã, onde o Dia do Índio era comemorado com um desfile.

De acordo com o programa, Ismarth chegaria às 15 e 30 à aldeia, onde visita-

ria as casas das 32 famílias indígenas e manteria uma reunião "a portas fechadas" com o Conselho Tribal, para tratar dos problemas da comunidade. As 19 e 30, desanimados, os membros do Conselho desistiram da espera e a maioria dos índios começou a se dispersar.

Uma velha índia caingangue, conhecida como Mulata, era uma das mães frustradas, pois "queria muito conhecer pessoalmente o presidente". Com 90 anos, ela se mostrava cansada e só concordou em esperar mais um pouco porque o chefe do posto da Funai, Carlos Roberto Grossi, se comprometeu a levá-la depois para casa, distante 6 quilômetros. Com a ausência de Ismarth, todos os festejos previstos foram suspensos. Só o ato de arrear a bandeira na-

cional, a que Ismarth deveria proceder, foi improvisado, às 18 horas, pelo índio Canuto Canechu.

O programa de Ismarth em aldeias paulistas resumiu-se, assim, à visita que ele fez, acompanhado da esposa e de assessores, ao posto de Araribá, no município de Bauru, antes de seguir para Tupã. Ali ele afirmou: "É triste olhar para o passado e ver o que não foi feito. A política indigenista no Brasil teve uma fase de retrocesso, de abandono. E é por esse motivo que estamos aqui para analisar de perto os problemas dos nossos índios. Temos que conversar o passado."

Em Araribá, o general e a esposa assistiram a vários números de dança e foram batizados segundo o ritual dos terenas e guaranis.

Ausência de Ismarth decepciona os índios

Das sucursais e
do correspondente

No único ato público realizado ontem à tarde, em Porto Alegre, em comemoração ao Dia Nacional do Índio, o ex-sertanista gaúcho Ayres da Cunha previu, em rápida palestra, que "não há solução para os indígenas brasileiros, já que estão sendo dizimados pelas doenças adquiridas pelo contato com o branco, principalmente a gripe, sarampo, tuberculose e pneumonia". Enquanto isso, em Manaus, o vice-líder do MDB na Assembléia Legislativa do Amazonas, deputado Farias de Carvalho, propunha

ao governo federal a extinção da Funai, "porque esse órgão o que tem feito mais é trabalhar contra o índio".

"Quando convivi com os Kalapatos, na década de 50 — contou Ayres da Cunha na capital gaúcha — havia mais de 600 indivíduos adultos vivendo às margens do rio Koluene, na região do Alto Xingu, e, na última vez que estive lá, há dois anos, restavam apenas 62 indígenas." O ex-sertanista, que exerceu essa profissão por 25 anos, lembrou ainda a existência, naquela época, de mais de 2 milhões de índios em todo o País, que foram reduzidos para 80 mil atualmente.

Em Manaus, as maiores críticas do deputado Carva-

lho foram dirigidas ao presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira: "um homem desligado da realidade indígena, sem os conhecimentos antropológicos e etnográficos exigidos para tal missão". Em Belo Horizonte, o ex-pesquisador da Funai Gilberto Paoliello, que ali trabalhou por dois anos, afirmou que o afastamento do delegado João Geraldo Tautitim Ruas, da Fundação, ocorreu, há dois anos, "unicamente por ele ser índio, enquanto os demais delegados regionais são todos coronéis". Com essa denúncia, Paoliello deu seu apoio ao manifesto de 26 caciques, divulgado ontem.

Não há solução, diz sertanista